



**Francisco Simões**  
Investigador Auxiliar no ISCTE

## O fundo bom

**P**rimeiro, os aviões militares norte-americanos desataram a aterrar, na Ilha Terceira, enviando os seus efetivos dormir nos hotéis de Angra do Heroísmo. Inaugurada a época alta do turismo militar, para combater o declínio do turismo civil antes transportado pela Ryanair, voltou-se a falar do interesse geoestratégico dos Açores. A discussão logo extravasou a esfera militar. Foi relembrada a aventura espacial em Santa Maria, para não nos esquecermos dela, à minguada de lançamentos e de outras operações de relevo. Projetou-se, desde já, a utilização do mar açoriano para treino de drones. Ainda houve tempo para insistir no papel da região na preservação e na vigilância de cabos submarinos. Entre tantos e tão insistentes lembretes, a cerimónia de celebração do Dia de Portugal apenas acentuou a tónica.

Entretanto, uma nova hoste de estratégias tem vindo a lume, opinando sobre as virtudes da localização do arquipélago, num mundo multipolar. Não o fazem desinteressadamente. An-

sejam dividendo para a região, como é óbvio. Para já, não o dizem de forma explícita, porque isso poderia revelar sofreguidão. Não tardará e será posto um preço à utilização dos Açores por parte de atores estrangeiros para os mais diversos fins. Num mundo ideal, reconheço que seria normal e acertado que assim fosse.

É, porém, muito duvidoso que alguém queira pagar pelo uso dos Açores. Mesmo que assim fosse, a república não faria o dinheiro fluir facilmente para os cofres regionais, quando nem sequer se disponibiliza a discutir uma revisão condigna da lei de finanças regionais. A urgência, contudo, impõe-se. Por um lado, a região debate-se com dificuldades de tesouraria. Por outro lado, já se antevê o que aí vem: um significativo corte nos fundos europeus de coesão e uma provável centralização da sua gestão nos governos nacionais. Uma pior conjugação de fatores desfavoráveis seria impossível.

Antes que a sofreguidão se torne na habitual falta de vergonha, conviria saber em que propormos os nossos deci-

sores aplicar uma verba relativamente generosa para uso dos Açores como plataforma militar, de testes ou de vigilância. Pressupondo que esse valor seria fixo, ainda que atualizado consoante algum critério válido, ou incremental, em função de uma utilização crescente, por mim gostaria de vê-lo transformado num fundo estratégico regional. Certamente que teriam de ser considerados os limites europeus, para que o mesmo não fosse equivalente a um fundo

**Quando a sofreguidão der lugar à falta de vergonha, bem sabemos para que será mobilizado qualquer capital financeiro associado à posição geoestratégica dos Açores: pagar dívida, acudir a emergências de tesouraria e financiar interesses instalados que nada têm feito para transformar a região**

soberano. O seu uso para investir massivamente nas próximas gerações, em todos os seus períodos de formação, desde a melhoria da qualidade da resposta do pré-escolar até à criação de condições reais de regresso à região, seria a minha primeira opção. Em alternativa, podia ser criado um mecanismo de coesão regional, compensando a perda demográfica das ilhas mais pequenas. Em ambos os casos, seria um fundo bom, inspirado pelo bom fundo de quem assim saiba decidir.

Infelizmente, quando a sofreguidão der lugar à falta de vergonha, bem sabemos para que será mobilizado qualquer capital financeiro associado à posição geoestratégica dos Açores: pagar dívida, acudir a emergências de tesouraria e financiar interesses instalados que nada têm feito para transformar a região. Um fundo mau, portanto. E poderá até ser pior. Basta dar prioridade aos interesses do costume. ■